REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 816

30 DE AGOSTO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

GINJAS

CHRONICA OCCIDENTAL

Com um céo tão bonito, que remedio senão olharmos para a terra!

Estamos na lua d'agosto, o que não é lembrar pouco, mas, pelo contrario, recordar os volumes que sobre ella escreveram todos os romanticos dos bons tempos e até, mais modernamente, muitos apaixonados ás escondidas. Quanto saphico de rima ao meio foi endereçado ao astro brilhante, quando elle caminhava lento na immensa planicie azul!

As noites, um nadinha quentes, são maravilhosas agora. Nem lhes falta, logo no primeiro instante do crepusculo, a estrella vespertina de brancura immaculada a luzir serena no arrebol do poente.

Logo depois brilham intensamente Jupiter e, ao lado d'elle, o velho Saturno com sua muita luz e o seu annel precioso.

Ah! que lindas são as noites em agosto e como os velhos romanticos eram homens de sã razão, gostando de cantal-as e as suas damas, dedilhando uma lyra fantastica, coroadas de fantasticos loiros! Não faziam mal a ninguem, e divertiam-se, e as mulheres gostavam de ouvil-os. Alguns versos deixaram e dos melhores. Lyricos foram Victor Hugo, Lamartine e Musset, lyricos entre nós João de Lemos, João de Deus, Thomaz Ribeiro, Bulhão Pato, e muitos mais, e até alguns fingindo que não.

E a lua, com maior ou menor sinceridade, mais ou menos sincera ironia, foi cantada por todos elles. Com saudades das noites de Portugal fez João de Lemos *A lua de Londres*, uma das mais bellas e sentidas poesias romanticas portuguezas.

São lindas as noites agora, mas outro remedio não ha senão deixarmos o céo com o nosso satellite, planetas, estrellas refulgentes, poeira de estrellas e via lactea, para olharmos o que vai cá por baixo no valle de lagrimas, tanta vez tão comico.

Muita vez, no complicado drama mais pungente a ironia do acaso introduz o palhaço hilariante e as lagrimas seccam-se nas faces, que se enrugam em gargalhadas.

Outras vezes... Outras vezes, felizmente, não ha que philosophar; a alegria é a boa alegria e os dias alegres succedem-se assim na terra como no céo.

Assim parece que vai acontecendo por esse Portugal fóra, se não mentem telegrammas e correspondencias que todos os dias ás redacções dos jornaes chegam de todas essas praias e thermas, onde se canta, dança, passeia-se, joga-se o *lawn-tennis* e até um bocadinho a batota, máo grado a policia vigilante.

E não é só a sociedade elegante que se diverte. O povo tambem lhe chegou agora a época dos cirios e das mais celebradas feiras de Portugal.

Vão lá em meio do foguetorio, entre os clangores estridulos dos cornetins, falar de tristezas, de sustos, de perigos, das reclamações da França, dos desastres da Turquia, de Mr. Constans e do grão turco. Quem se diverte quer lá saber d'isso, nem do que pensam a Russia, a Austria, a Inglaterra e a Allemanha!

O cirio da Atalaia que foi, o da Nazareth que ha de ser, teem com certeza n'esta occasião importancia muito mais capital, tanto mais que a guerra é coisa triste e um cirio com mil grosas de foguetes que estoiravam, linda loas que se disseram, o passeio atravez d'esses campos cobertos de vinhas, a grande cavalgada, a festa na egreja e tantas musicas tocando, ha de ficar lembrado para sempre com saudades.

Tivémos cá perto de Lisboa, além dos cirios, a grande festa ao Senhor da Serra, que leva sempre a Bellas milhares de passageiros n'um sem numero de comboios, e muitos que vão de carruagem e muitissimos que vão a pé.

Mas a festa mais notavel d'estes dias em todo Portugal é a grande feira da Agonia em Vianna do Castello. Ainda a d'este anno está no auge e já se vai falando no que para o anno ha de ser.

Conserva-se ainda no Minho a tradição dos trajes, e que lindas apparecem as lavradeiras com suas arrecadas, lenços e saias de côres vivas!

Vianna do Castello, á beira do Lima, é das mais formosas cidades de Portugal e suas bellezas mais ajudam á alegria da celebrada festa.

Já Frei Luiz de Sousa na sua *Vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres* lhe dedica quasi todo um capitulo, falando de sua antiguidade, fertilidade dos arredores, indole de seus habitantes e tanto a encarecendo que nunca melhor lhe fez outro escriptor seu elogio.

Ora vão lá em meio de tantas e tão estrepitosas festas, em meio de folguedos e cantares, dar attenção aos casos graves da politica, ainda que seja á de casa, quanto mais á de lá de fóra.

Que nos importa a Europa, quando uma linda trigueirinha de labios de coral entôa a mais nova e formosa das canções?

Pois tambem comnosco, e não foi tão pouco, os francezes se metteram.

A coisa já lá vem de traz e de quando em quando resurge. Elle é o emprestimo de D. Miguel, elle é os cartazes insultando-nos, elle é os fiacres com annuncios desacreditando-nos, é os jornaes tratando-nos de caloteiros, é tudo o que passa pela cabeça dos financeiro, que querem mais e muito mais, que querem, pelo menos, tudo.

Agora, com pretexto da viagem do Marquez de Soveral, que veiu a Lisboa no hiate *Victoria and Albert*, novamente os jornaes francezes nos insultam pelas provas de consideração que nos dá a Inglaterra, e relembram o que ha onze annos se passou, quando nos levantámos contra o ultimatum.

Como se ha poucos mais annos, os francezes não houvessem recebido da Allemanha a maior das humilhações e ha dois dias em Alger não fosse um general allemão, de volta da China, com enthusiasmo recebido; como se ha poucos mais annos, não viessem os jornaes francezes, quando da ultima insurreição polaca, cheios de longos artigos contra a Russia, hoje tão acclamada de Marselha ao Havere e de Bordeus a Nancy.

O Marquez de Soveral recebeu dos reis de Inglaterra uma altissima distincção e os jornaes francezes publicando-a mais não fazem do que tornar mais illustre o nome do sympathico diplomata, nosso ministro em Londres.

O mez d'agosto, geralmente parquissimo em novidades nas cidades, tem-nos dado ultimamente um bello contingente.

A chegada do Marquez de Soveral foi necessariamente muito commentada e elle felicitado por todos os seus amigos pela prova d'alta deferencia que lhe foi concedida.

Mas no rosario, em que as novidade se vão egrenando, umas são perolas outras caroços

E aqui está como do hiate de ornatos d'oiro saltamos para a rusga d'umas batotas.

Parece que o sr. Hintze Ribeiro determinou seriamente acabar com ellas. Em Lisboa foi dado assalto ao club dos amadores de musica, onde, segundo consta, um zero e um doble-zero em dezoito numeros, eram maestros da musica mais linda que o dinheiro dos pontos cantava na algibeira dos banqueiros. O assalto em Cascaes foi dirigido contra duas casas de jogo a que a policia fez cêrco, escapando alguns pontos que armaram saltos por cima dos telhados.

Os desgraçados tiveram que passar dois dias e duas noites n'uma immundissima enxovia dos calabouços da Estrella. Um verdadeiro carambolim, que lhes deu a má sorte.

Na segunda feira á noite é que deram entrada no tribunal da Boa Hora. E só muito mais tarde é que puderam lavar se e conseguir metter o corpo extenuado em valle de lençoes.

Metade d'elles para o anno são apanhados n'outra rusga. Mas emfim sempre escapará metade a nova tentação.

E os desgraçados duas vezes cahidos, uma nas garras dos da tavolagem, outra nas garras dos da policia, deram ainda mais que falar que o casamento em Hespanha e prisão no Porto das duas meninas hespanholas.

Dizem jornaes que ellas teem conseguido conquistar muitas sympathias e que muita gente lhes teem offerecido dinheiro e o soccorro necessario.

Não percebemos bem o motivo da sympathia inspirada e como haja quem n'um caso d'estes faça gala da sua caridade tão muda em muitos outros.

A não ser que um misterio romantico envolva a historia, não merece esta a attenção que se lhe tem dado. E' por tanto natural que o interesse pelas duas heroinas despertado tenha apenas uma explicação, mas muito triste: falta absoluta de senso moral e ausencia completa de siso commum.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

GINJAS

Foi-se ao cesto. Deu com as ginjas. Parece irmão d'ellas, a boquita vermelha a sorrir-se tentada.

Como são lindas, com seu pontosinho reluzente, a pelle tão cheia de luz, que até parecem pedras preciosas! Se não eram uma tentação!

De pernitas á vela, que estamos no estio, provou uma, outra... E a boquinha muito alegre foi tão má para as irmãs, que não deixou uma com vida.

Logo a mãe ha de ralhar, assustar-se... Qual historia!... O pequeno dormiu a noite d'um somno e a sonhar que era crescido, que já trepava ás ginjeiras.

VICTOR CORDON

Pelas nove horas da manhã do dia 15 do corrente, falleceu em Mafra o illustre africanista Victor Cordon, que, na escola pratica de infanteria, se achava tirocinando para major.

Francisco Maria Victor Cordon era capitão da guarnição de Angola e conductor de obras publicas na mesma provincia; tendo sido promovido a alferes quando se realisaram as expedições de obras publicas ás diversas provincias ultramarinas.

Em Angola cooperou em differente trabalhos nos concelhos do leste de Loanda, e em Mossamedes, figurando entre elles, em primeiro logar, a ponte do Lucalla. Administrou em S. Thomé as propriedades do sr. Visconde de Valflôr, e na Guiné fez algumas explorações por conta de uma companhia suissa.

Em 1888 fez as expedições ao Sanhate e ao Mufuli, no districto do Zumbo, cujas bacias hydrographicas estudou.

D'uns apontamentos fornecidos pelo proprio africanista e publicados por occasião da sua morte, destacamos os seguites periodos, que offerecem os melhores dados para a sua biographia e que confirmam o que acima dizemos:

«Nasceu em 15 de março de 1851, em Extremoz, freguezia de Santo André, era filho de Jacome da Silva Cordon e de D. Emilia Eugenia das Dôres Cordon, tendo casado em 7 de janeiro de 1897, com D. Almira de Almeida.

Assentou praça, como voluntario, em 20 de agosto de 1871, no batalhão de caçadores n.º 5, sendo promovido a alferes em 23 de junho de 1881, a tenente em 21 de janeiro de 1886 e a capitão em 24 de janeiro de 1891.

Em 1876 fôra nomeado telegraphista das obras publicas para a provincia de Angola. Em 1882 conductor de 2.ª classe de obras publicas, anno em que exerceu tambem as funcções de chefe interino do concelho de Ambriz e de chefe do de Novo Redondo.

Na Guiné, esteve de setembro a dezembro de 1898.

Foi louvado pela intelligencia e zelo de que deu provas na direcção da construcção da ponte Pinheiro Chagas. Agraciado com o grau de cavalleiro da Torre e Espada em 2 de junho de 1890. Proclamado benemerito da patria em sessão da camara dos deputados de 15 de setembro do mesmo anno. Cavalleiro de Christo em 10 de novembro de 1887 e de Aviz em 2 de maio de 1894. Tinha tambem, desde 3 de dezembro de 1890, a medalha de prata de comportamento exemplar.

Em 8 de julho partiu de Lisboa para Quilimane, abordo do vapor *Grantuly*, desembarcando ali em 12 de agosto, para tomar parte na expedição aos sertões de Moçambique, entrando com essa expedição que organisou, a barra do Inhamissenga, em setembro, e seguindo depois, em pequenas embarcações, Zambeze acima, até á villa do Zumbo.

D'esse ponto subiu o rio Panhame, em direcção ao sul, a encontrar o Sanhate, descendo até á sua ligação com o Alto Zambeze.

Em dezembro de 1889 regressou a Quilimane, com os seus trabalhos concluidos em rigorosa conformidade com as instrucções que recebera, e ali lhe foram dadas novas ordens para seguir para a Beira, com Paiva de Andrada, afim de continuar novas expedições na região de Manica.

Por telegramma, porém, do ministro da marinha, recebido em 21 de janeiro, de 1890, teve ordem para finalisar todos os seus trabalhos n'aquella provincia, em consequencia do *ultimatum* inglez.»

ROSALVO RIBEIRO

Rosalvo Ribeiro é o nome de um pintor brazileiro, natural do Estado de Alagoas, que veiu concluir os seus estudos de pintura em Paris, como pensionario d'aquelle Estado.

Tem concorrido ás exposições annuaes do *Salon* onde os seus quadros tem merecido as attenções da critica, tendo sido reproduzidos em varias publicações francezas como a *Art français*, a *Armée et Marine* e a *Armée illustrée*, que reproduziram o seu quadro *La soumission* e o que hoje publicamos *A Carga*, bello quadro de batalhas, genero difficil, mas de que Rosalvo Ribeiro soube triumphar.

O sr. Ribeiro tem-se dedicado em Paris tambem ao estudo de sciencias naturaes, anthropologia e archeologia, esperando publicar um livro sobre o seu paiz.

O YACHT «VICTORIA AND ALBERT»

Esteve ha dias no Tejo o yacht *Victoria and Albert*, que conduziu de Londres o sr. marquez de Soveral, ministro portuguez na côrte ingleza.

Foi, por sem duvida, uma alta distincção que S. M. o rei Eduardo VII quiz dar ao ministro portuguez e ao paiz por elle representado, o ter expedido um telegramma da Allemanha, onde se encontrava, pondo á disposição do sr. marquez de Soveral o yacht *Victoria and Albert*, para o conduzir a Lisboa, onde chegou no dia 20 do corrente.

O *Victoria and Albert* é o melhor barco de recreio que cruza hoje os mares. De solida construcção em aço e madeira, reune á extrema elegancia da forma, o luxo e a riqueza, tanto exterior como internamente. É de 4:700 toneladas com machina de 11:000 cavallos de força, tendo 460 praças de guarnição, do commando de sir Hedworth Lambtone, *commedore*.

O sr. marquez de Soveral veiu acompanhado por o major Seymour Truch e capitão Fortesene, camaristas de S. M. o rei Eduardo.

O ministro portuguez desembarcou ás 11 horas acompanhado por sir Hedworth Lambtone e ambos se dirigiram para Cintra a cumprimentarem Suas Magestades, ao mesmo tempo que o immediato do *Victoria and Albert*, encarregado pelo commandante, veiu apresentar os cumprimentos ao sr. ministro da marinha e auctoridades maritimas, as quaes immediatamente os foram retribuir.

De tarde o sr. marquez de Soveral offereceu, no Grande Hotel do Mont'Estoril um jantar á officialidade do *Victoria and Albert*.

O Yacht seguiu para Cascaes no dia seguinte, onde El-rei D. Carlos o foi visitar, convidando, n'essa oscasião, sir Hedworth Lambtone e o chefe do estado maior para almoçar a bordo do Yacht *D. Amelia*.

O *Victoria and Albert* levantou ferro e seguiu para Inglaterra n'esse mesmo dia.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 814)

1894-1895

Em 28 de março foi a festa artistica do maestro Goula, representando-se o 1.º acto da opera *Roberto-il-diavolo*, de Meyerbeer, por Machi, Emanuele Isquierdo, discipulo de Goula, tenor que desempenhou o papel de Roberto, Moretti, Dadó, Limonta, Cervi, Sillingardi; symphonia de *Tannhauser*, 1.º quadro do 5.º acto da opera *Manon*, de Massenet; *Cavalleria rusticana*, de Mascagni, por Gini, Pagnoni, Marie Ballier, discipula de Goula, que fez o papel de Lola, Moretti, Aragó.

Em 31 de março, 6.ª recita extraordinaria, deu-se a opera *Cavalleria rusticana*, de Mascagni, 2.º acto de *Lohengrin*, a symphonia *Girondinos*, de Littolf, *Solvej-Peer-Gynt*, de Crieg, *Sardana*, da opera *Guérin*, de Breton, pela orchestra.

Em 3 de abril, em beneficio das officinas de S. José, deu-se o opera *Cavalleria rusticana*, 1.º quadro do 2.º acto da opera *Dinorah*, de Meyerbeer, por Pacini e G. Pagnoni; Kaschmann cantou as romanzas de *Tannhauser*, e *Dinorah*; a orchestra tocou as symphonias de *Guarany*, de Gomes, e *Dinorah*, de Meyerbeer, e *Chansons du prinptemps*, de Mendelsohn.

Em 8 de abril, em beneficio do encarregado da locação e do camaroteiro, houve o seguinte espectaculo: symphonias de *Guarany*, de Gomes, e *Mignon*, de Ambroise Thomas; arioso da opera *Re di Lahore*, de Massenet, por Kaschmann; aria da opera *Semiramide*, de Rossini, por Machi; 3.º e 4.º actos da opera *Gioconda*, de Ponchielli, sendo a parte de tenor cantada por Carlo Pizzorni, marido de Gini, e a parte de barytono por Kaschmann.

As recitas extraordinarias tiveram limitadissima concorrencia; algumas houve em que quasi todos os camarotes se achavam vasios.

O tenor Masini apresentou-se n'esta epocha bastante estragado de voz; e o defeito que sempre teve de cantar muita vez fóra de compasso, e de fazer continuas cambiantes, transtornando frequentemente o sentido das phrases musicaes como os auctores as haviam composto, tomou, n'esta estação theatral, proporções escandalosas. O publico mostrou-lhe que percebia, e que lhe era desagradavel, não só recebendo-o com frieza, dispensando-lhe poucos applausos, ás vezes nenhuns, mas até chegou a pateal-o na opera *Il Barbiere di Siviglia*, de Rossini, outr'ora uma das suas mais bellas corôas artisticas, e em que tanto enthusiasmo havia despertado n'este mesmo theatro!

A presença de Regina Pacini na companhia lyrica trouxe, como consequencia, a execução de peças do bello reportorio italiano, que muito se adaptavam aos seus dotes artisticos, em que abundam as melodias, o bello canto, e a agilidade, que immortalisaram os genios dos grandes maestros, Bellini, Donizetti e Rossini, que tanto fizeram resplandecer a arte do canto no segundo quartel do seculo XIX, e cujo culto tem successivamente diminuido, rareando consideravelmente nos ultimos annos d'esse seculo, os artistas, que soubessem realmente cantar.

O maestro Gioachino Rossini, nasceu em Pesaro, em 29 de fevereiro de 1792. De uma grande fecundidade, levou ao seu apogeo a ornamentação e a agilidade na musica, compondo obras primas, taes como *Il Barbiere di Siviglia*, *Semiramide*, *Otello*, etc., etc. e mostrando que tambem sabia prescindir da grande agilidade, compondo a magnifica opera *Guglielmo Tell*; e no genero sacro, *Stabat mater*, *Missa solemne*, etc. Falleceu em Passy, em Paris, em 13 de novembro de 1868.

O maestro Vincenzo Bellini nasceu em Catanea, na Sicilia, em 3 de novembro de 1801, e falleceu em Paris, em 23 de setembro de 1835. As suas bellas operas *Norma*, *Sonnambula*, *Puritani*, *Pirata*, etc., primam pela inspiração melodica e sentimental.

O maestro Gaetano Donizetti nasceu em Bergamo, em 29 de novembro de 1797. Tinha um genio extremamente fecundo e flexivel. As suas bellas composições, *Favorita*, *Lucia di Lammermoor*, *Anna Bolena*, *Elisire d'amore*, *Poliuto*, etc., etc., primam pela grande inspiração melodica e dramatica. Falleceu em 8 de abril de 1848, em Bergamo, depois de dois annos de doloroso soffrimento, em que se havia completamente apagado o seu genio e a sua intelligencia.

Além das operas italianas em que tanto tem brilhado, como são: *La Sonnambula*, *I Puritani*, de Bellini, *Lucia di Lammermoor*, *Elisire d'amore*, de Donizetti, e *Il Barbiere di Siviglia*, de Rossini, emprehendeu, recentemente, Regina Pacini, entrar no reportorio moderno, cantando na opera *Manon*, de Massenet, n'esta epoca lyrica, tendo sido muito feliz n'esta innovação; com effeito tornou-se notavel a boa execução que, Regina Pacini, deu á parte de *Manon* na opera de Massenet. A joven cantora, que em S. Carlos fez a sua primeira estreia, obtendo successivos triumphos com a sua extrema vocalisação, fioritures e afinação, patenteou n'aquella opera mais sentimento e mais arte scenica.

No seu conjuncto, porém, a epocha lyrica foi má. Continuou o *chassé-croissé* de cantores, havendo, em um numero limitado de recitas, um grande numero de operas executadas por diversos cantores nos mesmos papeis; quasi todas as operas ensaiadas á pressa, muitas mal executadas; *mise-en-scene*, *costumes*, *decorações*, etc., abaixo dos mais ordinarios theatros d'esta capital.

O corpo de baile continuou a ser constituido por poucas e tristes figuras; servindo de pretexto para a risota da plateia. Na 1.ª recita da opera *Gioconda*, tendo o publico pedido que fosse bisada a musica dos bailados do 3.º acto, cuja execução fôra primorosa por parte da orchestra, e dispondo-se as bailarinas a repetir tambem os seus desengraçados passos, o publico rompeu em uma medonha pateada, obrigando o corpo de baile ao completo repouso, não consentindo que dançasse emquanto a orchestra, dirigida por Goula, tocava pela segunda vez os formosos trechos de Ponchielli.

A opera *Irene*, do maestro Keil, cuja representação tantas vezes tinha sido promettida e addiada, ainda n'esta epocha ficou, fóra da scena, apesar dos esforços do auctor, que não conseguiu vencer, ainda n'esta estação, as más vontades e intrigas dos que contrariavam a execução da sua opera, entre os quaes não eram os menos hostis os principaes artistas da companhia.

Em 14 de maio de 1895, houve, no theatro de S. Carlos, um grande banquete, dado pela imprensa de Lisboa, ao dr. Assis Brazil, para festejar o restabelecimento das relações diplomaticas entre Portugal e a republica dos Estados Unidos do Brazil, que tinham sido interrompidas em consequencia do capitão de fragata, Augusto de Castilho, ter, briosamente, dado acolhimento e asylo, nos navios de guerra sob as suas ordens, as corvetas *Mindello* e *Rainha de Portugal*, no Rio de Janeiro, aos revoltosos fugitivos, da esquadra, que se havia revolucionado contra o governo do vice-presidente Floriano Peixoto.

O jantar foi por subscripção. Cada bilhete de convite custava 10$000 réis. Houve proximamente 130 convidados que acceitaram esse encargo.

A plateia foi nivelada com o palco scenico, como nas noites de bailes de mascaras. As frizas estavam tapadas com espelhos, colchas, louça das Caldas e flores. A tribuna real, o palco scenico e os camarotes estavam ornamentados com plantas e flores.

Sobre o palco, no fundo, sobresaía uma paysagem brazileira; á direita bandeiras portuguezas e brazileiras; á esquerda um perfumador chinez de uma loja de *bric-á brac*.

A mesa era em ferradura com a abertura para a porta, e a curvatura junto ao palco.

Sobre a mesa ostentavam-se muitas louças vistosas, *bouquets* e lampadas electricas..

Junto ás frizas ficavam os aparadores. A ornamentação foi dirigida por Raphael Bordallo Pinheiro.

O perystilo foi obstruido com um tapume de madeira muito irregular, tôsco e sujo, que encobria uma especie de serviço de copa. A entrada dos convidados era pela porta estreita contigua á do camaroteiro no largo de S. Carlos. Estas disposições eram de um effeito mesquinho e ridiculo.

Nos camarotes eram admittidos espectadores, por meio de senhas; entrando pela rua Serpa Pinto os que iam para os camarotes da esquerda, e pelo Picadeiro os que tinham logares nos camarotes da direita.

No camarote da condessa d'Edla estava a esposa de Assis Brazil e a do secretario brazileiro Costa Motta; a entrada da esposa do ministro do Brazil no camarote, foi saudada com uma estrondosa salva de palmas.

Presidiu ao banquete, na cabeceira da mesa, Brito Aranha, presidente da commissão da imprensa, tendo á direita o dr. Assis Brazil, e á esquerda o ministro dos negocios estrangeiros Carlos Lobo d'Avila.

A banda da guarda municipal, sob a direcção do maestro Gaspar, collocada no salão de entrada, tocou durante o jantar, e em seguida aos brindes.

O jantar começou ás 7 e meia e acabou ás 12 horas da noite.

Houve brindes, improvisados ou lidos, de Brito Aranha, Assis Brazil, Lobo d'Avila, conde de Restello, Luciano Cordeiro, José Antonio de Freitas, Mathias de Carvalho, Alves Correia, Consiglieri Pedroso, Augusto Ribeiro, Antonio Candido Ribeiro da Costa, visconde de S. Boaventura, Magalhães Lima. Recitaram poesias, conde de Monsaraz, Jayme Victor e Luiz Osorio.

No mez de maio de 1895, houve no salão inferior de S. Carlos, concertos classicos de musica de camara, por Victor Hussla, violinista, Rey Colaço, pianista, Alfredo Gazul, violeta, e Cunha e Silva, violloncello.

Em 29 de maio d'este anno representou-se, no theatro D. Amelia, a opera *Ernani*, de Verdi, pelos amadores portuguezes: Isabel Gomes e Innocencia Grillo; Henrique Santos, Alfredo Hansen, Xavier Vieira, Alfredo Gameiro, e Nunes Baptista. Foi ensaiada e dirigida pelos maestros Vellani e Filippe Duarte.

D'estes amadores merece especial menção o 1.º soprano Isabel Gomes, que tinha bella voz nos agudos e cantava com alma. Era filha de paes hespanhoes, mas nascida em Lisboa.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

ARCHEOLOGIA LITTERARIA

FELIX ANTONIO CASTRIOTO

D'este socio da Academia Real das Sciencias diz Innocencio serem-lhe desconhecidas a naturalidade e mais circumstancias pesssoaes, e accrescenta:

«Consta que morrera em Lisboa, a 13 de janeiro de 1798.»

Ha que reformar por completo esta informação. Castrioto nem falleceu em Lisboa, nem foi na data e anno indicados que o seu passamento se deu.

O antigo director ou «editor» da *Gazeta de Lisboa* fez testamento a 13 de julho de 1796, n'esse mesmo dia approvado pelo tabellião Thomaz Marques de Araujo, em casa de um dos testamenteiros, — o primeiro — o desembargador Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, juiz corregedor dos orphãos, da Repartição do Meio, residente na rua de Nossa Senhora do Patrocinio, freguezia de Santa Izabel, o mesmo a quem Marquez de Pombal chamava «*doutor em prosa e verso*»; o mesmo por causa de quem Jacome Ratton chamou a Portugal— «*o paiz dos desembargadores*».

VICTOR CORDON

Fallecido em 15 do corrente

Em seu testamento declara Felix Antonio Castrioto, morador na rua direita da Parochial Egreja de Santa Isabel, ser catholico apostolico romano e instituir por seu universal herdeiro a seu filho João Antonio Castrioto, «que agora se appellida Richard», havido em Maria Murray, ao tempo donzella, assistente na cidade de Leyde, em Hollanda.

A instituição só se realisará, porém se se derem as seguintes condições.

1.ª se seu filho estiver em Portugal, ao tempo da sua morte, ou fóra do reino, por ordem de seu pae ou do governo;

2.ª se elle proseguir no modo de vida que tem abraçado, continuando os estudos na Academia de Marinha, até conseguir algum posto;

3.ª *se se conservar fiel á sua conversão*, seguindo devidamente a Religião Catholica Apostolica Romana, e merecendo por seu comportamento a approvação de seu pae. [1]

Se ao tempo da morte do testador não existir o filho, ou este não tenha observado as condições supra, é instituido herdeiro universal o filho mais velho do irmão do testador, Antonio José Castrioto, e em sua falta, o filho mais velho, neto do irmão, ou, na falta de varão, a filha mais velha.

Declara mais o testador que já requerera a provisão de filiação para seu filho natural, e seu instituido herdeiro.

Pelo modo de exprimir-se de Castrioto, infere-se que este testamento foi feito estando elle de partida para Inglaterra, visto como, tratando do modo como os testamenteiros ficam habilitados para satisfazer os encargos que lhes deixa, declara que n'esta occasião se lhe devem algumas sommas, de que ficam os documentos em poder de Francisco Henerty «que se acha encarregado da edição da *Gazeta*», e que é nomeado segundo testamenteiro. Em poder do reverendo Lourenço Borges Monteiro, que será executor d'este testamento, na falta dos dois já nomeados, tambem ficam algumas quantias, e elle proprio testador outras leva tambem comsigo para Inglaterra.

*

Innocencio nota que a pouca orthodoxia litteraria deste membro da Academia, a quem ella regeitou as oito *Memorias* que sobre assumptos de physica redigiu, concitou contra elle as iras de Francisco Manoel, que o apoda, e o injuria até.

Mas Filinto Elysio morreu exul e pobre até á miseria, apóz uma vida inteira consagrada á regeneração, explendor e brilho das lettras patrias, ao passo que o Castrioto, com toda a sua algaravia e indigesta prosa, redigiu um testamento, em que se revela, senão homem de fortes cabedaes, pelo menos abastado, e folgado de meios até á consignação de creditos que *se lhe devem*.

O testador quer ter um funeral sem pompa, e «de nenhum modo ornatos de ouro ou prata».

Deixa 480$000 para missas, sendo as de corpo presente pagas a 240 réis, e as mais a 200 réis.

Outros 480$000 para familias pobres e honradas, a 96$000 réis por familia. Outros 480$000 réis para 10 familias nas mesmas condições; umas e outras á escolha dos testamenteiros, e do padre que fôr seu confessor. Se o testador morrer au-

[1] Não foi possivel saber que destino teve, afinal, este rapaz, e se elle, com effeito, correspondeu ás vistas e desejos de seu pae. As matriculas dos estudantes da Academia de Marinha foram, ao que parece, para o Rio de Janeiro, e lá ficaram.

O Real Theatro de S. Carlos

BELLINI

DONIZETTI

A CARGA — Quadro do sr. Rosalvo Ribeiro

sente, o prior da freguezia se encarregará desta distribuição.

Maria Luiza Martins, que se acha casada com Mr. Bas, é contemplada com 400$000 réis.

No dia do seu enterro dar-se-ha a cada pobre 120 réis.

Das quantias que se lhe devem, ficam em poder de Francisco Henerty os documentos.

*

A 16 de agosto de 1797, isto é, um anno decorrido apóz a feitura e approvação deste testamento, o filho natural do testador, João Antonio Richard Castrioto, veiu apresentar á abertura e registo o testamento de seu pae, declarando que este fallecera «no logar de Kew, suburbios da côrte de Londres, reino de Inglaterra, em 28 de junho do dito anno de 1797». [1]

Aqui fica pois esta noticia, pela qual se apura que o antigo «editor» da *Gazeta de Lisboa*, longe de morrer nesta capital, tendo, seja qual fôr o motivo, de emprehender uma viagem a Inglaterra, lá veiu a fallecer a 28 de junho de 1797.

Como elle, porém, tinha um irmão, e por este testamento se vê que um filho tambem, e é verosimil que seu irmão residisse em Lisboa, pois que, procreando familia, tinha egualmente um filho, com nome portuguez, e que parece tambem já estar casado e com filhos, ao tempo em que Felix Castrioto escrevia o seu testamento, bem pode ser que ao irmão ou ao sobrinho, e até ao proprio filho, se refira a data colhida por Innocencio, de 13 de janeiro de 1798, menos exactamente assignada ao fallecimento do mal recebido e mal tratado Academico.

Lisboa, agosto de 1901.

Gomes de Brito.

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

CAPITULO III

Thermometria

Para acharmos a temperatura media de um dia, poderemos empregar o *thermometrographo*.

Dando-nos este apparelho, o maximo e minimo observado n'esse dia basta tomar a differença d'essas duas quantidades, multiplical-a por um coefficiente, variavel, consoante o mez e juntar ao producto a temperatura minima.

Mezes	Coefficientes
Janeiro	0,507
Fevereiro	0,476
Março	0,475
Abril	0,466
Maio	0,459
Junho	0,453
Julho	0,462
Agosto	0,451
Setembro	0,433
Outubro	0,447
Novembro	0,496
Dezembro	0,521

Exemplo de calculo: Temperaturas extremas: $22°,7 - 15°,7$, em maio.

$$x = 7°,0 \times 0,459 = 3,413$$
$$15°,7 + 3,413 = 19°,113 \text{ media do dia}$$

A media mensal obtem-se dividindo a somma das medias diurnas pelo numero de dias de cada mez.

O *thermometrographo* é um apparelho composto de dois thermometros, sendo um d'elles, de mercurio, com index d'aço, e o outro, de alcool com index de esmalte. No primeiro que indica a temperatura maxima, o index é impellido quando a temperatura sobe, e abandonado quando esta baixa. No segundo, que indica a temperatura minima, o index é arrastado quando esta baixa, e abandonado quando esta sobe.

Eis agora as medias diarias da temperatura, ás nove horas da manhã, em Lisboa, segundo os boletins do observatorio D. Luiz.

Dias	Jan.	Fev.	Mar.	Abril	Maio	Jun	Jul.	Agos.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1	11,1	11,7	12,7	13,4	15,1	17,5	20,2	21,6	21	18,6	15,4	12,8
2	11,1	11,7	12,7	13,5	15,1	17,5	20,2	21,6	20,9	18,5	15,4	12,6
3	11,1	11,8	12,8	13,5	15,2	17,6	20,3	21,6	20,9	18,4	15,3	12,4
4	11,1	11,8	12,8	13,6	15,2	17,7	20,3	21,7	20,8	18,3	15,2	12,2
5	11,1	11,8	12,9	13,7	15,3	17,7	20,3	21,7	20,7	18,2	15,1	12,1
6	11,1	11,8	12,9	13,8	15,3	17,7	20,3	21,7	20,7	18,1	15	11,9
7	11	11,8	12,9	13,8	15,4	17,8	20,3	21,7	20,6	18	14,9	11,8
8	11	11,8	13	13,9	15,5	17,9	20,3	21,7	20,5	17,9	14,8	11,6
9	11	11,9	13,1	14	15,5	17,9	20,3	21,7	20,4	17,7	14,7	11,5
10	11	11,9	13,1	14,1	15,6	18	20,4	21,7	20,4	17,6	14,6	11,4
11	11	11,9	13,1	14,2	15,7	18,1	20,4	21,6	20,3	17,5	14,6	11,3
12	11	11,9	13,1	14,3	15,8	18,2	20,4	21,6	20,2	17,4	14,5	11,2
13	11	11,9	13	14,3	15,9	18,3	20,5	21,6	20,1	17,3	14,4	11,1
14	11	11,9	13	14,4	16	18,4	20,6	21,6	20,1	17,2	14,4	11,1
15	11	11,9	13	14,4	16,1	18,6	20,7	21,6	20	17,1	14,3	11
16	11	12	12,9	14,5	16,2	18,7	20,7	21,6	19,9	17	14,3	11
17	11,1	12	12,9	14,6	16,3	18,8	20,8	21,6	19,8	16,8	14,2	11
18	11,1	12	12,9	14,6	16,4	19	20,9	21,6	19,8	16,7	14,1	11
19	11,1	12,1	12,9	14,7	16,5	19,1	21	21,6	19,7	16,6	14,1	10,9
20	11,1	12,2	12,9	14,7	16,6	19,2	21	21,6	19,6	16,5	14	10,9
21	11,2	12,2	13	14,7	16,6	19,3	21,1	21,6	19,5	16,4	13,9	10,9
22	11,2	12,3	13	14,8	16,7	19,4	21,2	21,5	19,5	16,3	13,9	10,9
23	11,2	12,4	13	14,8	16,8	19,5	21,2	21,5	19,4	16,2	13,8	10,9
24	11,3	12,4	13	14,9	16,9	19,6	21,3	21,5	19,3	16,1	13,6	10,9
25	11,3	12,5	13	14,9	17	19,7	21,3	21,4	19,2	16	13,5	10,9
26	11,4	12,6	13,1	15	17	19,8	21,4	21,4	19,1	16	13,4	11
27	11,5	12,6	13,2	15	17,1	19,8	21,4	21,4	19,1	15,9	13,3	11
28	11,6	12,7	13,2	15	17,2	19,9	21,5	21,3	19	15,8	13,2	11
29	11,6	—	13,3	15,1	17,2	20	21,5	21,3	18,9	15,7	13,1	11,1
30	11,7	—	13,3	15,1	17,3	20,1	21,6	21,2	18,7	15,6	12,9	11,1
31	11,7	—	13,4	—	17,4	—	21,6	21,1	—	15,5	—	11,1

D'aqui se vé, que a temperatura, até 16 de janeiro, se conserva quasi estacionaria, elevando-se, primeiro, pouco sensivelmente, até 4 de março, em que ha uma pequena interrupção na alta thermometrica; a partir de 25 de março, sobe de novo, rapidamente, até julho, e depois lentamente até 4 de agosto, em que attinge o maximo. Em seguida, começa a manifestar-se a baixa, primeiramente, de uma forma pouco sensivel, e depois, rapidamente de outubro a 25 de dezembro, epoca em que attinge o minimo.

As variações diurnas de temperatura são em geral em Lisboa de 9 a 10.° no inverno, attingindo 15.°, durante o verão.

Estas variações são tanto maiores quanto mais nos affastamos do equador; até 10° de latitude, as medias dos diversos mezes não excede 2 a 3°, a 20°, é já de 7°, e a 60°, attinge 34°,8.

Este facto é devido á desegualdade da duração dos dias nos differentes pontos do globo, motivado pelo facto da altura do sol ser differente para cada local situado a diversa latitude. D'aqui resulta que, quanto mais nos affastamos do equador, maior differença notamos na duração dos dias; assim, no equador, como, o sol se conserva proximamente á mesma altura, são os dias quasi eguaes ás noites, mas á maneira que nos affastamos d'elle, as differenças accentuam-se cada vez mais. Os dias augmentam do inverno ao verão, e diminuem no resto do anno.

Eis em alguns pontos do globo, a duração dos dias maximos e minimos:

Latitude		Cidades	Dia maximo	Dia menor
			H	H
0°,	(Equador)	Quito	12,0	12,0
5°,	»	Bogotá	12,17	11,43
10°,	»	Madrasta	12,35	11,25
15°,	»	S. Luiz	12,53	11,07
20°,	»	Mexico	13,13	10,47
25°,	»	Cantão	13,34	10,26
30°,	»	Cairo	13,56	10,04
35°,	»	Argel	14,22	9,38
40°,	»	Madrid-Lisboa	14,51	9,09
45°,	»	Bordeus-Turin	15,26	8,34
50°,	»	Francfort	16,09	7,51
55°,	»	Edinburg-Copenhague-	17,07	6,53
60°,	»	S. Petersburgo	18,30	5,30
65°,	»	Arkanjel	21,09	2,51
66°,33	»	Circulo polar	24,00	0

Além d'esta latitude temos:

Latitude	O sol conserva-se acima do horizonte	O sol torna-se invisivel
70°,	65 Dias	60 Dias
75°,	103 »	97 »
80°,	134 »	127 »
85°,	161 »	152 »
90°,	18[illegible] »	179 »

Motivado por esta circumstancia o nosso globo divide-se em zonas perfeitamente caracterisadas pela sua temperatura a saber:

1.ª Uma zona *torrida* comprehendida entre os dois tropicos, e, por isso tambem denominada intertropical.

Tropicos são os circulos parallelos ao equador, distantes d'este 23°,27' de latitude.

N'esta zona é que o sol attinge sua altura maxima nos solsticios.

A linha que une os pontos que teem a temperatura média annual mais alta, é o equador thermico. Em geral, esta linha não coincide com o equador terreste, conservando-se sempre um pouco acima d'este.

Em média, a temperatura decresce de um gráu, por cada gráu de latitude.

2.ª Duas *zonas temperadas* entre os tropicos e os circulos polares.

Os circulos *polares* são os circulos parallelos ao equador distante d'este, 66°,33'.

3.ª Duas *zonas glaciaes* entre os circulos polares e os polos.

E' caracterisada pelas temperaturas extremamente baixas.

A tabella seguinte indica-nos as temperaturas extremas de diversos logares.

Logares	Minimo	Maximo
Pondichéry	21°,6	44°,7
Mastucica	17°,0	35°,0
Cairo	9°,1	40°,2
Roma	—5°,0	31°,3
Lisboa	—2°,1	38°,4
Londres	—11°,1	36°,6
Copenhague	—17°,8	33°,7
Moscow	—38°,8	32°,0
S Petesburgo	—34°,0	33°,4
Nignei Kolymsk	—55°,9	22°,3
Iakautsck	—60°,	30°,

Os extremos de temperatura observados no ar atmospherico são de 116°, O maximo frio observado foi de—60°, e o maximo calor de 56°,

Causas que influem na temperatura. Além da latitude, como vimos, influem na temperatura:

1.° *A nebulosidade do ar:* Em geral, no verão, os dias claros são mais quentes do que os nublados. No inverno succede o contrario.

Durante o verão, quando chove, a agua cahindo das altas regiões da atmosphera, resfriando o ar, absorvendo o seu calor, e evaporando se junto ao solo, produz uma baixa no thermometro, a qual se nota, sobretudo, depois de uma chuva de trovoada, principalmente nas regiões intertropicaes, visto que, ahi, a estação das chuvas coincide com a epoca em que o sol attinge sua altura maxima.

No inverno, pelo contrario, as chuvas são em geral mais quentes relativamente á temperatura do ar e do solo.

2.° *Direcção dos ventos:* Em geral, no inverno, os ventos do norte e nordeste trazem-nos sempre grandes frios; coincidindo no verão, os maiores calores, com os ventos d'entre nordeste e sueste. Os ventos do sul e sudoeste teem em geral, uma temperatura mais constante. E' o que em Lisboa se observa.

3.° *Proximidade dos mares:* A proximidade dos mares tende a suavisar a temperatura de um local.

4.° *A altitude:* A temperatura diminue com a altitude.

Esta diminuição explica-se pela diminuição de densidade das camadas atmosphericas.

5.° *A presença de florestas ou arvoredos:* Esta circumstancia facilita a diminuição da temperatura media annual.

A isothernica de 25° vai desde a costa oeste da America (lat. 16°,5), um pouco ao norte de Acapulco, até Vera-Cruz, norte da Havana, desce até á foz do Senegal, corta as regiões do norte do Mar Vermelho, e a ilha Luçon.

A isothermica de 20° vai desde a California, (a 28° lat. N.), caminhando quasi parallela a esta latitude, passa entre Madeira e Teneriffe, norte da Argelia, Cairo, Creta e Nankim.

A isothermica de 15° vai de S. Francisco (America 37°,47 lat. N.), elevando se um pouco ao norte

[1] *Archivo da Procuradoria Regia da Relação de Lisboa.* — Registo Geral de Testamentos.

até attingir a fronteira norte de Portugal, passa ao norte de Roma, desce á Turquia do norte, e passa pelo Japão (lat. 32°,45 N).

A isothermica de 10° passa ao norte do estado de Ohio, New-York, attinge Londres, corta a França perto de Dunkerque, desce um pouco até Praga, segue o norte do Mar Negro e passa em Nippon (Japão).

A isothermica de 5°. A 58° latitude norte, corta o lago Miduyan, passa ao sul da Terra Nova, Noruega (Dronthein), norte de Stocholmo, sul de Moscon, e attinge a cordilheira das Kunilhas.

A isothermica de 0°. Desde o Lavrador, corta o sul da Irlanda, passa no cabo Norte, na Noruega, desce até á serra de Lapenne, norte do Golpho de Botnia, Kasan, e passa em Kamtsckatka (56° lat. N).

As isothermicas inferiores a 0°, não teem a curva perfeitamente definida. No polo austral, a media é de — 8° a 10°, segundo todas as probabilidades. Se traçarmos uma linha que una os pontos com a mesma media estival na temperatura, temos assim traçado uma linha isotherica. Unindo os pontos por meio de uma linha com a mesma media de inverno formaremos uma linha isochimenica.

A neve, isto é, a agua no estado solido só apparece nos climas em que a temperatura desce abaixo de zero.

Abaixo de 40° de latitude é rarissima, e acima de 70°, permanente (região das neves perpetuas).

São lindissimos os crystaes de neve hexaedicos e tanto mais regulares quanto mais sereno está o tempo.
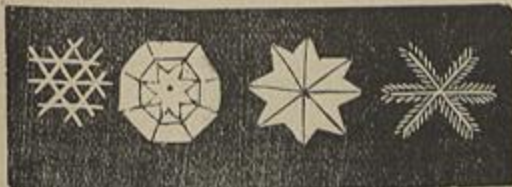
Fig. 8

Regiões das neves perpetuas	Latitude	Limite m
America do Sul.....	0°	4870
Chili..................	16° (S)	5300
Mexico	19° (N)	4580
Himalaya	30°	3900
Pyrinéus	42°	2730
Alpes	45°	2630
Noruega...............	60°	1660
Spitzberg.............	80°	0

Como vêmos, para se observar a região das neves perpetuas a 0° de latitude é necessario elevarmo-nos a 4870m. A' maneira que nos approximamos da latitude de 90°, esta região apparece-nos a uma altura menor, até que a 80°, de latitude, esta já nos apparece ao nivel do mar.

As neves perpetuas estão submettidas durante o verão, a uma fusão incompleta que as converte em um pedaço de gelo de camadas muito tenues (nevadas), as quaes dão origem ás *geleiras*.

O gelo das geleiras differe do gelo ordinario em que, em vez de ser escorregadio e polido, é desigual, estriado, pouco lizo, e composto de fragmentos irregulares, separados entre si. Quando mais se caminha para a sua parte superior, estes diminuem de volume até que se reduzem a pequenos granulos. A sua côr é azulada ou esverdeada, e tanto mais intensa, quanto mais compacto fôr o gelo. As geleiras possuem grandes fendas que attingem, muitas vezes 40 metros de profundidade.

As avalanches são grandes massas de gelo que desprendendo-se das rochas, cahem muitas vezes do cume das montanhas, desmoronando tudo o que encontram na sua passagem. Milhares de aldeias teem desapparecido por este motivo, havendo a lamentar muitas mortes.

Nas regiões das neves perpetuas, a vida do homem é intoleravel, sendo a maior parte d'essas regiões, completamente desertas.

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

UM SEGREDO DE MULHER

POR

Eugene Berthoud

V

— Não se rale, disse mellifluamente o criado. Temos quartos devolutos. Se quizer tomar conta no seu amigo, ponho-o lá mesmo ao pé.

A proposta não deixou de agradar a Raul.

Pois que o Gibson não percebêra palavra da historia que lhe contára, o mais simples seria recomeçar, ainda que fosse atravez d'uma corneta acustica.

Ora ficar ao pé d'elle não seria o melhor meio de aproveitar qualquer occasião favoravel?

Acceitou portanto o offerecimento do interesseiro Francisco, ajudou-o a levar o bebado, depois, logo que viu o sr. Gibson deitado, roncando de bocca aberta, tomou conta do quarto que lhe offereceram no mesmo andar.

—De duas uma, disse entre si ao deitar-se. Ou o americano tem espirito ou é idiota; se tem espirito ha de apreciar a intensidade da minha paixão e desculpar a extravagancia do meu proceder; se é tolo, zanga-se, provoca-me, batemo-nos, deixo-me arranhar, abraçamo-nos, almoçamos e, assim como assim, hei de ser apresentado a madame de Logel.

Adormeceu Guérac com esta agradavel perspectiva e logo a imaginação foi-se-lhe por montes e valles viajar no paiz dos sonhos d'oiro.

Nunca romance d'amor, marchetado de peripecias, apinhado de catastrophes, esmaltado de combates de cavalleiros, valeu o que ali se improvisou dentro das cortinas sujas d'um quarto de hospedaria.

Pelas nove horas da manhã annunciou-se o mais feliz desenlace: Aurelia d'olhos baixos, com as faces de suavissimo encarnado, pronunciava perante o administrador do bairro o *sim* delicioso que assegurava a eterna ventura de Guérac. Não poude com tanta alegria... um estremecimento de voluptuosidade correu-lhe o corpo, tal que soltou um grito e despertou.

Surprehendeu-o tristemente a realidade.

Em vez do rosto encantador de madame de Logel, avistou a cara deslavada, picada de bexigas d'um sujeito calvo, que estava de pé em frente d'elle.

No primeiro momento Raul cuidou que era o sonho que continuava.

De gravata branca, vestido de preto, calçando escarpins e luvas novas, o desconhecido poderia ser tomado pelo empregado civil, se não fosse o faltar lhe a faxa.

Cumprimentou respeitosamente, pegou n'uma cadeira e sentou-se ao pé da cama de Guérac.

—Ah! sr., disse humilde e convictamente, que pena que não me tivessem prevenido hontem á noite da sua chegada!

—Muito amavel, disse Guérac, mas...

—Ter-me-hia logo posto ás suas ordens.

—Cada vez mais amavel. Mas a quem tenho a honra...

Champitrel, disse o homem de luto, com um sorriso lisongeiro. Arthur Champitrel.

Guérac esfregou os olhos e lançou-lhe um olhar que era um ponto de interrogação.

—Champitrel! repetiu o desconhecido. O dono cá do estabelecimento,

—Ah! disse Raul, lembrando se d'onde estava. E' o proprietario do hotel de Missisipi.

—Exactamente.

—Pois muito estimo, sr. Champitrel, ter tido occasião de esboçar o seu conhecimento. Entretanto, consinta-me uma pergunta.

—Cento e cincoenta, se lhe apraz.

—E' costume de casa vir o dono receber os hospedes que o acaso lhe remette?

—Ah! nunca! Se, como industrial, devo ser polido meticulosamente com todos, como homem, devo-o a mim mesmo, nunca serei servil.

—N'esse caso a sua visita...

—E' uma excepção que faço em seu favor, com o que muito me orgulho.

Por sua vez Raul cumprimentou.

—Sr. Champitrel, a sua extrema cortezia confunde-me e espanta-me.

—Com uma só palavra lhe mostrarei que não tem razão.

—Queira dizel-a.

—Sei quem o sr. é.

—Sabe? exclamou Raul erguendo-se n'um cotovello.

—Sei, continuou maliciosamente o dono do hotel. E a prova está em que mais não abusarei de seus preciosos instantes. Tratemos do sujeito que o preoccupa.

—Que sujeito?

—O sr. Jeddediah Gibson.

Raul teve nos lençoes um sobresalto.

—O que! murmurou. Pois sabe que o sr. Gibson me preoccupa!

Arthur Champitrel fez a seguir vinte signaes affirmativos.

—Ora diga-me, continuou em tom confidencial, esse homem, é ou não, um inimigo do estado? E' um malfeitor evadido das galés, um assassino ou um alcançado? ou então está simplesmente sujeito a certas medidas preventivas, eis o que, por não ser indiscreto, lhe não perguntarei.

—E tanto melhor anda, disse Raul pasmado, que não saberia responder-lhe.

—Sim, é certo, a natureza de suas funcções exige de si uma recusa absoluta.

—As minhas funcções! disse Guérac, sentando-se na cama.

—A verdade é que, como proprietario, nada tenho contra o sr. Gibson. Paga-me pontualmente, tem o passaporte em ordem e, falando pouco, nunca falou contra o governo. Como observador eis a synthese das minhas observações.

—Mas, disse Raul, todos esses pormenores...

—Tem talvez pequena importancia, concluiu Champitrel; entretanto não me parecem ociosos. Ha de haver uns dois annos que o sr. Gibson veio para o meu hotel pela primeira vez. Desde então recebo-o regularmente de seis em seis mezes. Demora-se na capital uns quinze dias, tres semanas. Embora americano de nascença, habita...

—Mas que tenho eu com isso? interrompeu Guérac aborrecido.

—Queira perdoar, disse o sr. Champitrel com um sorriso misterioso. Só lhe posso dar parte d'aquillo que apontei. Ora pois: embora americano habita em Londres. O que lá faz não sei. Julguei algum tempo que seria qualquer particular estabelecido, com o seu vintem, casado, que viria a Paris espairecer. Effectivamente o que elle ahi faz é medonho. Deita o dinheiro pela janella fóra, bebe como uma esponja e anda sempre mettido com certas meninas. Como pae de familia, côro de vergonha, mas como fornecedor, governo-me.

—Mas, disse o Raul já fóra de si, o sr. quer brincar comigo?

—Deus me livre!

—Então para que é essa cantiga toda?

—Para lhe ser agradavel.

—Para...!

—E provar-lhe o meu respeito pela corporação.

—Qual corporação?

—A de que o sr. faz parte.

—Eu... parte!... gritou Guérac aos sôcos na almofada.

Arthur Champitrel levantou-se todo atrapalhado.

—Receio ter demonstrado um zelo fóra de proposito. Talvez preferisse guardar o incognito. Infelizmente — e isto lhe explicará o meu proceder — esse incognito foi trahido.

—Mas, com mil diabos, como e por quem?

—Pelo proprio sr. Gibson.

—O quê! Mas tanto me conhece elle a mim como eu a elle!

—Ah! já está de accordo! disse o dono do hotel com ar de troça.

—Decerto.

—Então porque disse hontem que eram amigos?

Guérac córou levemente.

—E depois seguiu o homem desde as seis da tarde até ás trez da manhã?

—Sim. E que tem isso?

—Por umas poucas de vezes dirigiu-lhe a palavra, não obstante a repugnancia d'elle em responder-lhe.

—Isso é comigo.

—A mim, pessoalmente, pouco me importa. Mas ainda agora o sr. Gibson queixou-se ao Francisco, um criado meu, de ter tido toda a noite que avir-se — queira desculpar, mas foi assim que elle disse — com os assedios da policia.

—Ah! com seiscentos! exclamou Guérac, saltando para fóra da cama. De modo que o sr. tambem cuidou...

—Eu nada cuidei, sr., disse o hospedeiro. O que lhe digo é que aqui me tem ás suas ordens.

Raul teve um ataque de violento máo genio, que breve se transformou n'uma enorme gargalhada.

—Querido sr., disse por fim, o sr. o Francisco e o sr. Gibson, laboram todos trez n'um perfeito erro.

O sr. Champitrel fez um tregeito de incredulidade.

—Seja assim, murmurou enxugando a cara oleosa. Retiro-me. Não manda mais nada?

—Mando. Faça favor de me dar papel e tinta. Vou escrever ao sr. Gibson para o desenganar.

—E só atravessar o patamar, se quer falar com elle.

—Então elle não é surdo?

—Como uma porta.

—Explicações verbaes eram maiores confusões.

O dono do hotel cumprimentou e sahiu recuando.

ROSALVO RIBEIRO

VI

Raul vestiu-se á pressa.

Se, por um lado, anceava por sahir da posição falsa e ridicula em que se atolára por doidice, por outro não desistia das esperanças que fundára no sr. Gibson.

Por isso pegou na penna, e n'uma carta notavel pelo juiso, conveniencias e graça, pediu desculpa das impertinencias da vespera, contou sua historia amorosa e terminou implorando do americano uma apresentação a madame de Logel.

O estylo era de arrebatar. Ou tinha um coração de barasto ou o sr. Gibson havia de enternecer-se. Raul lacrou a carta e chamou o criado.

Desde tempos immemoriaes os criados por quem se chama nunca vêm. Guérac com impaciencia febril arrancou o cordão da campainha, em vão; desesperado, foi ao patamar, debruçou-se sobre o corrimão e abriu a bocca para gritar como um desesperado.

De repente subiram até elle tres coisas, que lhe calaram os sons na garganta, tres coisas encatadoras, a saber:

1.º Um vago e aristocratico perfume.
2.º O ranger furtivo d'uma botinha.
3.º O ruge-ruge da seda d'um vestido.

Raul debruçou-se um pouco mais. Uma sombra feminina, elegante e esbelta subia os degraus da escada.

Por instincto ou presentimento, Guérac escondeu-se para traz. Uma suspeita horrivel gelou-lhe o sangue nas veias. Recuou sem fazer bulha, metteu-se no quarto, fechou-se, e, todo a tremer, olhou pelo buraco da chave.

Logo a senhora appareceu.

Olhou em volta e com a pequenina mão muito bem enluvada, um pouco tremula, afastou o véo negro.

Maldição!... Raul não se enganára!...

Era ella, atrapalhada, commovida, mal podendo respirar... Embóra um nadinha pallida, sorria... e o delicioso sorriso, os labios de carmim, os dentes sem par que haviam enlouquecido d'amor o pobre Raul, n'aquella hora perderam-o de raiva e ciumes.

Ella! n'aquella ignobil hospedaria!... Ella, sem criados, sem uma senhora que a acompanhasse, sem protector!... Que viria ella ali fazer pouco lhe importando sociedade, reputação e o proprio socego?

Não lhe foi permittido duvidar por muito tempo.

Madame de Lozel tocou por tres vezes fortemente, tres campainhadas intervalladas por certa forma particular, á porta do sr. Gibson.

A terceira campainhada, os aromas combinados de pomada de rosa e de rhum da Jamaica espalharam-se pela casa e o americano appareceu.

Fresco, viçoso, frisado, rechouchudo, luzente entre as suissas enormes!... Com que lindo ar se embrulhava na *robe-de-chambre* de ramagens!

A senhora precipitou-se no quarto, e Raul nada mais viu senão uma porta fechada.

Quando se voltou, reflectiu-lhe o espelho a propria imagem, horrorosamente livida. Tinha a testa cheia de gotinhas d'um suor de agonia. Deixou-se cahir n'uma cadeira e para ali ficou petrificado, embrutecido, de braços cahidos, d'olhar fito, de ouvido á escuta, demente.

Passou-se tempo.

— Vai sahir, dizia elle de minuto a minuto.

Mas cada segundo que passava enterrava-lhe no coração um ferro em braza. Mergulhando as mãos a escorrerem nos cabellos, procurava, inventava mil pretextos para desculpar o procedimento de Aurelia.

O tempo ia-se passando.

Levantava-se furioso, espumando, resolvido a arrombar a porta do visinho, a surgir, fantasma vingador, em meio da palestra criminosa.

Depois fulminava-o uma reflexão desanimadora. Com que direito iria, elle, o desconhecido, o desdenhado, metter se na vida d'aquella mulher? Uma amargura profunda envenava-lhe o pensar.

(Continúa).

O HYACHT «VICTORIAND ALBERT» DE S. M. O REI EDUARDO VII

Recebemos e agradecemos:

Dialecto indo-português de Ceylão *por Sebastião Rodolpho Dalgado, antigo vigario geral de Ceylão—Lisboa—1900*

Como o anterior, faz este livro parte da collecção das *Contribuições da Sociedade de Geographia* para commemoração do descobrimento do caminho maritimo para a India.

Teem os dialectos crioulos portuguezes attrahido já sufficientemente a attenção dos grammaticos nacionaes e estrangeiros. O dialecto indo-portuguez de Ceylão, mantendo apoz um seculo de dominação ingleza, uma robusta vitalidade, embora se conforme com a natural evolução dialectal e outras circumstancias a que não pode fugir, não tinha ainda sido objecto de um estudo especial.

O indo-portuguez é mais ou menos entendido por todas as classes na ilha de Ceylão e por toda a costa da India; a sua extrema simplicidade de construcção e facilidade de acquisição tem-o posto extensamente em uso como meio de trafico. Mas o povo de que é vernaculo e que, em Ceylão só, sobe a mais de 50:000 individuos, é constituido pelos descendentes dos hollandezes e portuguezes.

Não é pois para admirar que o crioulo de Ceylão occupe logar proeminente entre os dialectos portuguezes coloniaes e seja o mais conhecido no estrangeiro.

Muito bem andou o sr. Dalgado em lhe dedicar a sua attenção, elaborando esta valiosa monographia, na qual demonstra que o indo-portuguez de Ceylão é na estructura intrinseca, tanto da grammatica como do vocabulario, notavelmente superior á dos outros dialectos crioulos, tendo um lexico riquissimo, culto, definido, prestando-se a todas as expansões do espirito. E' notavel o progresso que com os recursos proprios elle tem feito para estabelecer e individualisar a sua physionomia e para systematisar harmonicamente todo o seu conjuncto.

Ha no crioulo de Ceylão muitos traços communs aos outros dialectos congeneres da India e ainda aos de Macau e Cabo Verde. Pela respectiva *lexicologia* se vê que em toda a parte reinam os mesmos archaismos portuguezes emquanto ás palavras, formas e significações; os mesmos termos orientaes aportuguezados; as mesmas locuções portuguezas indianizadas; os mesmos vocabulos estrangeiros introduzidos.

Dividiu o sr. Dalgado o seu estudo em tres partes: na primeira trata da grammatica, na segunda da litteratura e na terceira do vocabulario. Em appendice reproduz os sermões e homilias que escreveu no indo-portuguez de Ceylão, afim de os prégar na cidade de Colombo, quando foi ali vigario geral e superior da missão portugueza, abolida pela concordata de 1886.